

O Colonialismo Português em África e a poesia angolana de Agostinho Neto: Sábado nos musseques.

Luiz Fabiano de Freitas Souza¹

Gabriel da Cunha Pereira²

RESUMO

A opressão sofrida pelo sistema colonial português em África, sobretudo em Angola, provocou nessas sociedades enormes alterações sociais, econômicas, culturais, especialmente na perspectiva da identidade e da valorização da cultura africana, bem como no legado da memória coletiva, vivenciada e estigmatizada pelo discurso colonizador. Em contrapartida, enaltecer e destacar o engajamento literário e político do angolano Agostinho Neto, analisando sua poesia combativa: Sábado nos Musseques, na qual denunciou e representou os oprimidos, marcados pela repressão do sistema colonial, pautados na dominação racial e na exclusão do povo angolano pobre e marginalizado. Tomando como base a compressão do autor Manuel Ferreira sobre o colonialismo e de suas marcas no tecido social africano, por meio dessa dependência e assimilação da cultura europeia que prejudicou o reconhecimento da individualidade do ser africano e de suas raízes culturais, sendo, portanto, fundamental essa conscientização de dependência, para descortinar as marcas do colonialismo, que se legitima por meio da “negação do outro”. Nesse contexto, a poesia de Agostinho Neto é uma lente fundamental para enxergarmos nesse processo histórico, uma enorme transformação do discurso literário e político, possibilitando enxergar uma sociedade angolana a partir do cotidiano das comunidades, denunciando as atrocidades cometidas pelo colonizador, provocando um movimento político e cultural em prol das lutas de libertação nacional.

Palavras-chave: África. Colonialismo. Poesia. Angola.

ABSTRACT

The oppression suffered by the Portuguese colonial system in Africa, especially in Angola, caused enormous social, economic, cultural changes in these societies, especially in the perspective of identity and appreciation of African culture, as well as in the legacy of collective memory, experienced and stigmatized by the discourse. colonizer. On the other hand, to praise and highlight the literary and political engagement of the Angolan Agostinho Neto, analyzing his combative poetry: *Sábado nos Musseques*, in which he denounced and represented the oppressed, marked by the repression of the colonial system, based on racial domination and the exclusion of the Angolan people poor and marginalized. Based on the understanding of the author Manuel Ferreira about colonialism and its marks on the African social fabric, through this dependence and assimilation of European culture that hampered the recognition of the individuality of the African being and its cultural roots, being, therefore, fundamental this awareness of dependence, to reveal the marks of colonialism, which is legitimized through the “denial of the other”. In this context, the poetry of Agostinho Neto is a fundamental lens for us to see in this historical process, a huge transformation of the literary and political discourse, making it possible to see an Angolan society from the daily life of the communities, denouncing the atrocities committed by the colonizer, provoking a political movement and cultic in favor of national liberation struggles.

Keywords: Africa. Colonialism. Poetry. Angola.

INTRODUÇÃO

O continente africano, sobretudo os países de língua portuguesa como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe sofreram diversas alterações sociais, políticas, econômicas e culturais por meio da influência e dominação sistemática imposta pelo sistema colonial português. Na visão crítica de Manuel Ferreira, a ação do colonialismo em África provocou diversas modificações na estrutura sociocultural e econômica dos países colonizados.

O colonialismo, todos sabemos, é a negação da personalidade do Outro. Em todos os aspectos. Para além da repressão individual, da exploração econômica, da negação do sentimento, e da consciência nacionais, é criada a idéia de uma pátria outra. Ele, o colonialismo, nega ou reprime a cultura autóctone e obriga à cultura metropolitana. Altera os hábitos sociais, intervém na culinária, no vestuário, no sistema agrícola, no regime de propriedade, na habitação, no sistema jurídico, na ordem social milenariamente estabelecida, impõe novos padrões de cultura e substitui a língua. (Ferreira, 1980, p.40)

Destaca-se então o colonialismo como percussor nesse processo de desestruturação e modificação das bases sociais e raízes culturais africanas, ou seja, por meio do sistema colonial foi se modificando e introduzindo uma estrutura social, política e literária em que se negava a identidade africana e sua beleza cultural, buscando legitimar a “superioridade” do homem branco europeu sobre o negro africano. Para Manuel Ferreira (1980) “o colonialismo, todos sabemos, é a negação da personalidade do outro”. Para além dessa abordagem, é fundamental problematizar aspectos específicos que possibilitaram aos países de língua portuguesa, sobretudo Angola, uma consciência política e literária que serviu de combustível para acender a esperança em prol das lutas de libertação nacional. O Movimento dos novos intelectuais de Angola (Mnia) que se articulava em prol da valorização da cultura africana, alicerçada na construção do nacionalismo, teve grande importância nesse processo de conscientização, juntamente com a revista Mensagem que se evidencia, através das poesias publicadas, as condições sociais dos musseques, bairros marginalizados e empobrecidos de Luanda.

O papel literário e político do movimento de novos escritores, tendo Agostinho Neto como um dos fundadores do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, ao lado de Viriato da Cruz e Antonio Jacinto, cujo lema era “Vamos Descobrir Angola”, teve grande importância para uma nova consciência, pautada e alicerçada na valorização de uma literatura própria, ou seja, de origem angolana, se contrapondo ao discurso narrativo do sistema colonial vigente. Além disso, e não menos importante, teremos como fruto desse processo, a criação e formação do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), responsável pela articulação utópica em prol da independência de Angola.

As marcas e os males do colonialismo nos países africanos, sobretudo de língua portuguesa, proporcionaram um longo processo de alienação e assimilação da cultura europeia imposta pelo colonizador, o que tornou necessário o processo de conscientização dessa dependência para traçar novos horizontes e perspectivas no fortalecimento da negritude e identidade africana. O recorte histórico dessa conscientização e individualidade das literaturas africanas de língua portuguesa foi estabelecido por Manuel Ferreira como marco histórico de autonomia literária a partir do século XX, como por exemplo, Cabo-Verde em meados de 1936 com a revista

Claridade e Angola por volta do ano de 1951 por meio da revista Mensagem, como descreve o autor logo abaixo:

De qualquer modo pode afirma-se, isso sim, que as cinco literaturas surgem, com expressão verdadeiramente autónoma, no século XX. Mas ainda aqui haveria que definir as etapas cronológicas diferenciadas para cada uma delas. Só para dar um exemplo diríamos que o discurso literário cabo-verdiano como representação ou expressão da verdadeira realidade cabo-verdiana se afirma a partir de 1936 com a revista Claridade, enquanto o angolano se demarca, em 1951, com a revista Mensagem (Ferreira,1980, p.40).

Diante disso, este trabalho pretende ampliar e contextualizar os momentos essenciais para essa tomada de consciência poética e política dos países africanos de língua portuguesa, com ênfase em Angola, destacando a importância do processo de evolução das literaturas africanas de língua portuguesa ao longo da sua história, compreendendo esse mecanismo de alienação e individualidade deformada por consequência do processo colonizador, sendo necessário essa tomada de consciência para construir o caminho da libertação nacional e valorização da identidade e cultura africana. Para tanto, partiremos da análise do poema *Sábado nos Musseques* de Agostinho Neto, o qual nos possibilita destacar essa consciência poética e histórica vista de baixo, ou seja, no cotidiano dos bairros pobres e injustiçados, descortinando as mazelas sociais causadas pela repressão do sistema colonial português. Para que tal análise seja possível, as estrofes serão enumeradas afim de facilitar a localização dos trechos em destaque neste artigo.

O protagonismo poético de Agostinho Neto, segundo Pires Laranjeira, possibilita destacar as ânsias e as raivas do povo dos musseques, promovendo uma análise sociológica, histórica e psicológica evidenciada nos versos poéticos em que se destacam palavras carregadas de um sentimento de angústia como também aspirações profundas de uma população em busca de rupturas em prol da libertação nacional de um sistema colonial racista e opressor.

A poesia de neto, expondo esteticamente as ânsias e raivas do povo dos musseques (bairros populares pobres), analisando socialmente a situação histórica, referindo as aspirações, o desejo de mudança e a esperança desse povo, pressupõe a existência de condições objectivas para a formação de um movimento popular de libertação nacional (LARANJEIRA, 2009, p.112)

De acordo com Carvalho, conforme citado por Antonio de Pádua de Souza e Silva (2013, p. 19), “a poética de Neto está comprometida com o seu tempo e sua história, daí se tratar de uma poesia engajada, por isso mesmo, tende apontar todas as injustiças sociais cometidas pelo sistema colonial português, denunciar o aviltamento do homem colonizado, os maus-tratos, as prisões arbitrárias, a exploração desenfreada, o esbulho de terras, o trabalho forçado, o contrato, a fome, a miséria, o analfabetismo, o desterro. A partir dessa afirmação, podemos pensar e experienciar a escrita poética de Agostinho Neto como um grito vivido, comprometido com o engajamento político em prol da transformação social de Angola e que se estende a todo continente africano. O ensaísta da Guiné-Bissau, Mário Santos, também citado pelo autor (SILVA, 2016, p.19) diz que “abordar a obra poética de Agostinho Neto significa abordar a espinha dorsal de uma literatura empenhada na luta anticolonial, uma literatura nacionalista”, por isso uma literatura de ruptura e resistência, como o são todas as literaturas comprometidas com seu tempo histórico”. Com isso percebe-se a relevância do legado poético de Agostinho Neto contra os abusos e injustiças provocadas pelo processo de colonização do sistema colonial português, demonstrando e destacando uma literatura que se diferencia das demais:

Segundo carvalho, o que diferencia Agostinho Neto, poeta, de outros, tais como: Aimé Césaire, David Diop e Léopold Sedar Senghor, principalmente deste, é que, embora Senghor e Neto proponham a “reabilitação da cultura africana”, Neto propõe a luta contra a escravidão colonial, “consciencializando o Povo e mobilizando-o para ação violenta, revolucionária incutindo-lhe a certeza da vitória”, enquanto Senghor propõe um entendimento entre colonizado e colonizador.(SILVA, 2013, p.20)

Agostinho Neto não transmiti somente a arte pela arte, mas notadamente engajado no processo de luta e da conquista da liberdade, ou seja, Neto vai além, pois “propõe a luta contra a escravidão colonial, consciencializando o povo e mobilizando-o para a ação violenta, revolucionária incutindo-lhe a certeza da vitória.”

O Colonialismo e a individualidade do escritor africano.

Tendo em vista a ótica de Manuel Ferreira sobre o colonialismo, é possível destacar um discurso coisificando o africano e sua cultura, provocando um complexo de inferioridade nas elitistas africanas, que passavam a enxergar sua própria cultura pela ótica eurocêntrica.

O colonialismo, de caso pensado e por força de seu sistema interno, despersonaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem que ele forma

do seu universo singular, coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito de história. Cria-lhe o complexo de inferioridade em relação à sua cultura, deforma-o, aniquila-o como cidadão africano. (Ferreira, 1980, p.40)

O autor enxerga o colonialismo como uma “negação da personalidade do outro”. O sistema colonial possibilitou de forma autoritária a criação de uma estrutura social racista, que vai alterando os hábitos sociais e culturais, impondo novos padrões de vida, interferindo e alterando todo o sistema já organizado, sobretudo na perspectiva da narrativa literária. Para Manuel Ferreira, o sistema colonial nos países africanos de língua portuguesa, a própria elite mestiça, negra e burguesa, ao longo do tempo, vai adquirindo “consciência da sua dependência” e da sua apagada individualidade.” começando com os poetas, prosadores até articulação e formação de grupos em torno das revistas literárias e consolidar-se como uma prática política. Ou seja, uma valorização e uma defesa da subjetividade e personalidade do ser africano e de combate ao eurocentrismo. É importante salientar o que autor aponta para as transformações dentro de processo extremamente lento para a tomada real de consciência:

Essa burguesia intelectual, negra ou mestiça, com o rodar dos anos vai adquirindo consciência da sua própria dependência e da sua apagada individualidade e actuando intelectual e culturalmente de harmonia com tal mudança. Mudança lenta, demorada porque os tenazes do sistema colonial são muito fortes e determinados. Mas há um momento em que essa consciência começa a ser nítida, pelo menos em alguns poetas, depois nos prosadores e vai, entretanto, influenciar outros”. (Ferreira, 1980, p.41)

Em contrapartida, a força repressora do Estado colonial português buscava legitimar sua dominação e controle social por meio da censura, fazendo o bloqueio severo contra qualquer manifestação artística e literária, fragmentando e desconstruindo grupos que ameaçassem o controle do aparato estatal português. Entretanto, os grupos responsáveis pela tomada de consciência artística e cultural, não se enfraqueciam com a violência cometida pelo sistema colonial, pelo contrário, acautelavam-se e protegiam-se do aparato repressor colonizador e se mantinha viva e mais forte a importância da conscientização do ser africano em torno dessa dependência e individualidade no campo da literatura africana e de sua ação política, “inclusive a repressão violenta das forças coloniais vai espreitar as consciências, criar animosidade, e pouco a pouco, vai se instaurando a ideia da necessidade de uma forte actividade literária paralelamente a organização política já em marcha.” (FERREIRA, 1980). O autor dá ênfase a uma literatura engajada no processo de

organização política, para a superação da condição de colonizado e desalienação africana, na perspectiva de uma literatura de resistência e de combate:

E quanto mais avançada é a organização política mais decididamente os escritores superam a sua condição de colonizados e se impõem através da produção de textos de raiz nacional e empenhamento numa luta comum. Ao de cima vêm e então as características de uma literatura de resistência e de combate. Desde modo, vai se diluindo a dependência e se vai desenvolvendo a individualidade do escritor africano. (Ferreira, 1980, p.42)

Para além desses avanços a favor da conscientização e identidade cultural africana, é importante contextualizar essa ação combativa da valorização e individualidade da literatura africana como um processo marcado por etapas e rupturas ao longo da história dos países africanos de língua portuguesa como expõe o autor:

Podemos quiçá, e em resumo, e numa aplicação generalizada, apontar os momentos essenciais da evolução das literaturas africanas de língua portuguesa em relação ao fenómeno da dependência e individualidade. momento primeiro: o escritor africano encontra-se em estado quase absoluto de alienação, incapaz de se libertar dos modelos europeus. É como se fora puro acidente os seus textos terem sido escritos em África, pois podê-lo-iam ter sido na Europa por qualquer escritor europeu ou não. momento segundo: apesar de um determinado grau de alienação, os escritores ganham, porém, a percepção de um certo regionalismo e o discurso acusa já alguma influência do meio social, geográfico e cultural em que estão inseridos e a enunciação vive já dos primeiros sinais de sentimento nacional. momento terceiro: o escritor, após ter adquirido a consciência da sua condição de colonizado, procede à sua própria desalienação e a sua prática literária cria a sua razão de ser nas expressões das raízes profundas da realidade social nacional. momento quarto: com a independência nacional é de todo limitada a dependência dos escritores africanos e reconstituída a sua plena individualidade. (FERREIRA, 1980, p.43)

Manuel Ferreira destaca quatro etapas nesse processo de conscientização e independência literária, no primeiro momento temos um grau elevado de alienação estabelecido e fixado no modelo europeu, no qual o homem branco e a cultura europeia seria “superior” ao homem africano, considerado como “atrasado” e “não civilizado”. Já no segundo momento, temos uma pequena mudança e um avanço considerado, apesar de uma elevada alienação. Nesse período percebe-se pequenos traços de sentimentos nacionais nos escritos, o que possibilitou uma mistura de elementos da cultura europeia, do regionalismo e espaço geográfico em África, bem como o uso da própria língua e cultura africana. Em contrapartida, no terceiro momento, objeto de análise desse trabalho com o engajamento poético e político de

Agostinho Neto em Angola, temos a tomada de consciência da condição de colonizado, busca efetiva pela desalienação por meio de uma literatura própria e uma ação política, combativa e anticolonial. Já no quarto período, temos o ápice de todo o processo de conscientização e plena individualidade com a conquista efetiva da independência nacional.

Destaca-se aqui o terceiro momento como crucial no processo de evolução das literaturas africanas de língua portuguesa, momento de ruptura consciente e que aos poucos o discurso vai ganhando forma através das organizações e movimentos em prol de uma literatura de combate e resistência. A partir disso, toma forma um movimento literário e político que vai desencadear e promover transformações e convulsões sociais, notadamente reconhecida por meio das lutas de libertação nacional. Os escritores profundamente engajados nos confrontos em prol da independência dos países africanos de língua portuguesa tornam-se protagonistas nesse processo de luta e libertação. Grande parte deles, que estiveram na base da fundação dos movimentos de libertação, estiveram no seio da luta armada, outros abandonaram seu país, escapando à perseguição e à prisão, outros ficaram enganosamente silenciosos, na verdade, remoendo a ingrata situação de uma espécie de semi-clandestinidade, resistindo discretamente e ativamente contra a opressão do colonizador.

Na visão do autor, esse terceiro período, o qual se refere ao processo de evolução das literaturas africanas de língua portuguesa, é uma etapa importantíssima em prol da consolidação efetiva de todo um processo de desalienação entre os intelectuais escritores. Ocorre de forma pensada um sentimento forte de nacionalidade e pertencimento de sua terra, reconhecendo suas raízes culturais, enxergando-a como pátria, “nessa fase o escritor pensa sua terra em termos de pátria, nação, rejeita o outro, o colonizador, e está determinado a uma prática literária integrada na nova situação, toda ela voltada de vez para a conquista da libertação nacional.” (FERREIRA, 1980) É importante frisar que esse processo de consciência plena e liberdade intelectual contra o colonialismo português, segundo o autor, só se concretizaria no ápice do processo, ou seja, na conquista plena da individualidade do escritor africano e com a total desarticulação e destruição do sistema colonial opressor e só virá a consegui-la com a independência nacional e destruição completa do sistema colonial. Como descreve o autor logo abaixo:

Com a independência nacional é de todo eliminada a dependência dos escritores africanos e reconstituída a sua plena individualidade. Dir-se-à, no entanto, que os textos dos poetas integrados a guerrilha se confundem, por vezes, com os escritos após a independência nacional. (FERREIRA, 1980,p.43)

Manuel Ferreira compreende que a plena individualidade e consciência dos países africanos de língua portuguesa, como a liberdade cultural, literária, intelectual, política e econômica só se concretizaria no campo da realidade com a conquista da independência e o desmoronamento absoluto do sistema colonial português.

O protagonismo poético e político de Agostinho Neto em Angola.

O protagonismo de Agostinho Neto no contexto do colonialismo muito contribuiu para uma compreensão histórica ampla dos males sociais causados pelo sistema colonial português, pois o autor problematiza as injustiças e sequelas da sociedade angolana, bem como suas mazelas sociais causadas pelo colonialismo nos bairros pobres de Angola. É importante destacar o seu papel poético e ao mesmo tempo político na perspectiva de denunciar as atrocidades promovidas pelo colonizador, descortinando a opressão do colonialismo e promovendo um movimento de conscientização e de luta em prol das lutas de libertação nacional. Agostinho Neto, reflete uma visão de expressão psicológica, social e cultural, pois retrata um sentimento de transformação e libertação de um povo sofrido e oprimido pelas estruturas repressivas do colonizador europeu, ao passo que também aponta para uma esperança de ruptura e resistência ao colonialismo com formação do movimento popular de independência do país, como aponta Pires Laranjeira sobre a poética do autor.

A poesia de Neto, expondo esteticamente as ânsias e raivas do povo dos musseques (bairros populares pobres), analisando socialmente a situação histórica, referindo as aspirações, o desejo de mudança e a esperança desse povo, pressupõe a existência de condições objectivas para a formação de um movimento popular de libertação nacional, enquanto organização superior de luta, constituindo esse discurso estético um testemunho social e histórico de que começou, nele próprio (e noutros discursos) e na prática social e política, a ser forjado, portanto, antes de 1956 e surgiu, de facto, nesse ano, enquanto MPLA... (LARANJEIRA, 2007, p.112)

O poema *Sábado nos musseques*, de Agostinho Neto possibilita uma visão histórica e social vista de baixo, ou seja, descortinando as injustiças causadas pela colonização portuguesa e dando voz aos excluídos dos bairros pobres de Angola.

Com isso, podemos observar, logo abaixo, uma arte poética comprometida e engajada no processo de libertação nacional, desnudando a realidade racista, excludente e imoral do sistema colonial português.

Sábado nos musseques

1	Os musseques são bairros humildes de gente humilde		A intervalos ais de dor lancinam ouvidos
2	Vem o sábado e logo ali se confunde com a própria vida transformada em desespero em esperança e em mística ansiedade		ferem corações tímidos e afastam-se passos em correia angustiante e depois dos risos da matula desenfreada
3	Ansiedade encontrada no significado das coisas e dos seres		só silêncio mistério lágrimas e ódio e carnes laceradas pelas fivelas dos cinturões
4	na lua cheia acesa em vez de candeeiros de iluminação pública que pobreza e luar casam bem	10	Ansiedade nos que passam à procura do prazer fácil
5	Ansiedade sentida nos barulhos e no cheiro a bebidas alcoólicas espalhadas no ar com gritos de dor e alegria misturados em estranha orquestração	11	Ansiedade no homem escondido em recanto escuro violando uma criança
6	Ansiedade no homem fardado alcançando outro homem que domina e leva aos pontapés e depois de ter feito escorrer sangue enche o peito de satisfação por ter maltratado um homem	12	Sua riqueza calará o pai e a criança só tarde clamará contra o destino
7	Outros evitarão passar onde o casse-tête derrubou o homem darão voltas saltarão muros pisarão espinhos pés descalços se cortarão sobre cacos de garrafas quebradas por crianças inocentes e cada mulher suspirará de alívio quando o seu homem entrar em casa	13	Ansiedade ouvida na contenda da taberna
8	Ansiedade nos soldados que se divertem emboscados à sombra de cajueiros à espera de incautos transeuntes	14	Compadres discutindo escandalosamente velha dívida de cem mil réis entre os murmúrios da numerosa assistência
9		15	Ansiedade nas mulheres abandonaram os homens para ouvir a vizinha aos gritos ralhando contra a pobreza do marido
		16	Ouvem-se choros histéricos ruidos de cadeiras caídas respirações ofegantes tilintar doloroso de louça de ferro esmaltado e a multidão invade a casa os desavindos expulsam-na e depois vem a reconciliação

17	com risinhos de prazer Ansiiedade nos alto-falantes do cinema de bocas escancaradas a gritar swing ao pé das bilheteiras enquanto um carrocel arrasta em turbilhões de sonho luzinhas vermelhas verdes azuis e também a troco de dois mil e quinhentos namorados e crianças	28	na mãe que pergunta ao advinho se a filhinha se salvará da pneumonia na cubata de velhas latas esburacadas
18	Ansiiedade nos batuques saudosos dos kiocos contratados o fundo de todo o ruído	29	nas mulheres implorando compaixão as nossas senhoras nas famílias rezando
19	Lunda sem fronteiras A derrubar o sussuro Da ânsia tumultante	30	enquanto oram bêbedos urinam na rua encostadas à parede afastando-se depois a ridicularizar as vezes que perceberam através das persianas das janelas
20	Ansiiedade na humilde criança que foge amedrontada do polícia de serviço	31	Ansiiedade na kazukuta dançada à luz do acetileno ou do candeeiro Petromax em sala pintada de azul cheia de pó e do cheiro a suor dos corpos e de maneios de ancas e de contactos de sexos
21	Ansiiedade no som da viola acompanhado uma voz que canta sambas indefinidos deliciosamente preguiçosos pejando o ar do desejo de romper em pranto	32	Ansiiedade nos que riem e nos que choram
22	Com a voz possa o grito de saudade que a multidão tem dos dias não vividos dos dias de liberdade e a noite bebe-lhes os anseios de vida	33	nos que entendem e nos que respiram sem compreender
23	Ansiiedade nos bêbedos caídos nas ruas alta noite	34	Ansiiedade nas salas de dança regurgitantes de gente onde daí a instantes o namorado repreende a noiva insultos são atirados para o ar enchendo o recinto de questões que extravasam para a rua acudindo polícias aos assobios
24	Ansiiedade nas mãos aos gritos à procura de filhos desaparecidos	35	Ansiiedade no esqueleto de pau a pique ameaçadoramente inclinado a sustentar pesado tecto de zinco e nos quintais semeados de dejectos e maus cheiros nas mobílias sujas de gordura nos lençóis esburacados e nas camas sem colchão
25	nas mulheres que passa embriagadas		
26	no homem que consulta o kimbanda para conservar o emprego		
27	na mulher que pede drogas ao feiticeiro para conservar o marido	36	Ansiiedade nos que descobrem multidões passivas

37	esperando a hora Nos homens ferve o desejo de fazer o esforço supremo para que o Homem e a esperança não mais se torne em lamentos da multidão	39	O sábado misturou a noite nos musseques com mística ansiedade
38	A própria vida faz desabrochar mais vontades nos olhares ansiosos dos que passam	40	e implacavelmente vai desfraldando heróicas bandeiras nas almas escravizadas. (Agostinho Neto, in Sagrada Esperança 1948)

Observa-se a visão de Agostinho Neto retratada nos versos das estrofes de número trinta e nove e quarenta do poema, nos quais o eu-poético se aprofunda no desejo marcado e atiçado pelo sofrimento, notadamente visível por meio de aspirações e angustias vivenciadas pelos habitantes pobres e marginalizados de Angola, ao passo que aspiravam uma mística transformação da cruel realidade experienciada, mediante a extrema opressão provocada pela implementação racista e violenta do sistema colonial português “O sábado misturou a noite/nos musseques/com mística ansiedade/e implacavelmente/ vai desfraldando heróicas bandeiras/nas almas escravizadas” . Nesses versos é possível compreender um sentimento marcado por sofrimento e dominação por parte do colonizador, e ao mesmo tempo uma ansiedade intensa por mudança e afirmação que faz renascer em cada alma a certeza da não aceitação da negação de si mesmo e de seu povo, para não ser a afirmação discursiva do outro, o branco europeu.

Na estrofe de número trinta e sete, é possível observar essa profunda vontade de romper esperançosamente com marcas opressoras do colonialismo “Nos homens/ferve o desejo de fazer o esforço supremo/para que o Homem/renasça em cada homem/[...]” em consonância com os versos da estrofe quarenta já citada acima “[...] vai desfraldando heróicas bandeiras/nas almas escravizadas”. É importante pensar a conjuntura espiritual e física de musseques, ou seja, esses bairros empobrecidos e oprimidos pelo colonizador, fincados numa nova consciência libertaria e no desejo profícuo por rupturas e esperança na busca pela independência, por meio das lutas de libertação nacional, notadamente marcado e experimentado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) em consonância direta politicamente através de uma escrita poética própria, ou seja, nacionalista, angolana e anticolonial.

Numa perspectiva ampla, podemos observar nos trechos do poema a compreensão dos musseques, representa uma denúncia das injustiças ocorridas nesses bairros pobres, sem nenhuma infraestrutura que garanta educação, saúde e qualidade de vida para todas as famílias como é demonstrado nos versos da estrofe de número quatro “na lua cheia/acesa em vez de candeeiros/de iluminação pública /que pobreza e luar/ casam bem”. Essa estrofe aborda a perspectiva da construção da pobreza nesses bairros pobres de Angola como um mecanismo estabelecido e arquitetado pela administração colonial, o qual é responsável pela criação e implementação de estruturas de subdesenvolvimento nos países africanos de língua portuguesa, sobretudo em Angola, tendo na base central dessa administração a estrutura do racismo e da desigualdade social que gestou esses bairros empobrecidos e marginalizados. Nessa direção, pode-se descortinar o discurso do outro, ou seja, a cultura e a polícia colonial alicerçada no racismo que beneficiava apenas a imagem do europeu colonizador e menosprezava a identidade africana e sua cultura. Em contrapartida, como fruto dessa política colonial excludente, é possível observar bastante opressão e ansiedade para com os habitantes humildes de musseques a partir da censura e perseguição policial aos habitantes locais como veremos nas estrofes seis e sete do poema “Ansiedade no homem fardado/alcançando outro homem/que domina e leva aos pontapé/e depois de ter feito escorrer sangue/enche o peito de satisfação/por ter maltratado um homem”; “Outros evitarão passar/onde o casse-tête derrubou o homem/darão voltas/saltarão muros/pisarão espinhos/pés descalços se cortarão/sobre cacos de garrafas/quebradas por crianças inocentes/e cada mulher/suspirará de alívio/quando o seu homem entrar em casa”. Observa-se nos versos a nítida violência física e ao mesmo tempo simbólica para com os habitantes dos musseques, pois são alvos de ataques e perseguições, por meio de um aparato policial violento e preconceitoso, que enxerga nos homens, mulheres e crianças dos bairros pobres angolanos, sujeitos inferiores e sem futuro tanto pela ação administrativa do colonizador como pelo racismo estabelecido nesse espaço social/geográfico. Além disso, é possível enxergar nas estrofes onze e vinte e quatro uma marca do cenário desolador do que seriam verdadeiramente os musseques “Ansiedade no homem/escondido em recanto escuro/violando uma criança”; [...] “Ansiedade/nas mãos aos gritos/à procura de filhos desaparecidos”. Com a análise destes versos, podemos pensar numa representação cruel da exploração e do abuso sexual contra crianças indefesas e desassistidas pelo

Estado vigente, pelo fato de muitas famílias e crianças se encontrarem em total vulnerabilidade pessoal e social, numa situação crítica de pobreza e miséria. Percebe-se ações cruéis que se passam nos bairros pobres de Angola, submetidos a uma estrutura politicamente racista, excludente e de extrema violência física e simbólica contra os habitantes locais.

Numa perspectiva psicológica e sociológica, nota-se nas estrofes de número trinta e dois e trinta e três “Ansiedade nos que riem/e nos que choram”; “nos que entendem/ e nos que respiram sem compreender”, de fato, um sentimento de profunda ansiedade nos habitantes de musseques, ou seja, sentimentos intensos de angustia dos que sofrem com os abusos promovidos pelo sistema colonial português. Em contrapartida, tal sentimento de opressão aquece o desejo e ânsia profunda de uma libertação nacional do sistema colonial. De toda maneira, a ansiedade, a esperança e o medo estão presentes nos que riem e nos que choram, bem como, nos que compreendem ou não compreendem a dramática vida nos bairros pobres de musseques. Na estrofe de número dois é possível enxergar com mais precisão essa experiência dramática vivenciada pela gente humilde dos bairros pobres de Angola, bem como o seu alto grau de desespero, esperança e ansiedade expressados no poema: “vem o sábado/ e logo ali se confunde com a própria/ vida transformada em desespero/ em esperança e em mística ansiedade”, sabe-se que o poema mostra a dura realidade experimentada pelo povo oprimido perante ao sistema colonial português, como por exemplo, a situação das mulheres e dos homens demonstrado nas estrofes quinze e vinte e três do poema “Ansiedade/ nas mulheres/ que abandonaram os homens/ para ouvir/ a vizinha aos gritos/ ralhando contra a pobreza do marido” e “Ansiedade/ nos bêbedos caídos nas ruas/ alta noite”. Paralelo a essa realidade de sofrimento e angustia, sempre há o desejo elevado em musseques, uma ânsia coletiva e individual pela busca da liberdade e da saudade de um tempo não vivido, mas esperado e cravada no espírito de vida angolano. Estrofe de número vinte e dois “Com a voz /possa o grito de saudade/ que a multidão tem dos dias não vividos/ dos dias de liberdade”.

Agostinho Neto não usa metáforas pelo simples prazer de retoricamente/azer bonitinho, como afirma o dito popular, de apresentar um exercício de estilo estético de sofisticação e bel-prazer. Toda e qualquer imagem, metáfora ou símbolo que Neto usa tem a função de especificar um agir, um desejo, um pormenor, e, mais ainda, de aludir ao que a conjuntura histórica, política e social demandava da geração intelectual e política insurgente naquele tempo de charneira, expressando o papel que a si próprio e aos outros

companheiros atribuía, qual seja o de conagraçamento de vontades organizativas em prol da liderança e condução das populações vinculadas a um projecto de libertação social e nacional. (LARANJEIRA, 2007, p. 113-114)

O protagonismo poético de Agostinho Neto consolida e dá forma política e ideológica à luta sistemática contra os abusos do sistema colonial português em Angola. Além de ser uma articulação de conscientização dos africanos excluídos e oprimidos pelo colonizador em prol das lutas de libertação nacional é também uma guerra no campo da literatura, por meio de uma narrativa anticolonial de ruptura e resistência. Com isso, uma literatura que se diferencia das demais, no sentido de não transmitir somente a arte pela arte, mas notadamente engajado no processo de luta e da conquista da liberdade, ou seja, Neto propõe a luta contra o sistema colonial português, conscientizando o povo na esperança de uma vitória certa. Agostinho Neto trabalhou para o fortalecimento da conscientização das massas e para uma luta que vai além da “luta de classe” numa perspectiva meramente marxista, colaborou profusamente para implementação de um projeto nacionalista através da conscientização e intelectualidade das massas populares. “Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não-intelectuais.” (GRAMSCI, 1982). Dessa forma, podemos pensar Agostinho Neto na perspectiva Gramsciana, articulou e protagonizou um estilo intelectual orgânico, contra- hegemônico, ou seja, contra o projeto opressor do sistema colonial português, foi um intelectual engajado no convencimento das massas, para fazê-las pensar em um novo projeto de sociedade que visava a independência nacional e a libertação de seu povo oprimido. Diferentemente dos intelectuais tidos como tradicionais que estavam ao lado da classe dominante, Agostinho Neto se destaca por uma intelectualidade engajada, sobretudo ao lado dos excluídos como os trabalhadores e as comunidades pobres dos musseques sob o domínio de seu colonizador português. A população de musseques retratada por Agostinho não está à margem da possibilidade de reação intelectual e política, pois segundo Gramsci, as massas podem exercer sua intelectualidade de forma ativa:

Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o homo fazer do homo sapiens. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 1982,p.08)

Agostinho Neto colaborou com a conscientização e formação intelectual das massas populares em Angola, bem como foi protagonista de um projeto nacionalista, uma ânsia cravada na sociedade angolana, dando voz aos oprimidos do sistema colonial português na perspectiva da mudança histórica e social promovida por meio das lutas de libertação nacional contra o colonizador.

Considerações finais

A partir da análise e interpretação da poesia angolana de Agostinho Neto, mais especificamente o poema *Sábado nos Musseques*, e da opressão do sistema colonial português em África, conclui-se que a compressão do autor Manuel Ferreira sobre o colonialismo é uma lente importante para enxergar esse processo histórico, sociológico e cultural de dependência e assimilação da cultura europeia o qual desestruturou e prejudicou o processo de identidade e individualidade do ser africano, sobretudo os países de língua portuguesa como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe os quais sofreram diversas alterações sociais, políticas, econômicas e culturais, por meio da influência e dominação sistemática imposta pelo sistema colonial português.

Constatou-se o engajamento poético e político de Agostinho Neto na conscientização das massas populares por meio de uma literatura combativa, anticolonial e autêntica a qual problematizou e descortinou a pobreza e a extrema ansiedade sofrida nos bairros pobres de Angola e a discriminação racial presente no cotidiano dessas comunidades excluídas pelo colonizador. Foi possível, por meio da análise do poema, constatar um protagonismo com a perspectiva de revelar e destacar um sentimento nacional, experienciado e protagonizado pela população pobre, marginalizada de Angola. Sentimentos como o da ansiedade são evidenciados na poesia do autor. Em seus versos são evidenciados o terror e a opressão sofrida pelos habitantes locais, o medo constante do perigo de conviver com violência física e simbólica promovida e legalizada pela política do sistema colonial português. No mesmo poema analisado, destaca-se o sentimento de esperança desses habitantes por mudanças que aconteceriam somente com a conquista da libertação nacional em que os abusos do colonizador teriam fim.

Com este trabalho, foi possível interligar a interpretação de Manuel Ferreira sobre a problemática ocasionada pelo colonialismo português, sobretudo nos países

africanos de língua portuguesa, refletindo esse processo de dependência e da importância da conscientização da individualidade e identidade africana, sobretudo na perspectiva das lutas de independência. Nesse contexto, ficou evidente o papel histórico e poético de Agostinho Neto em Angola, o qual colaborou precisamente para esse mecanismo de conscientização das massas populares através da literatura e na política em prol das lutas de libertação nacional.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Manuel. Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 39-47, jun. 1980. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/4258>>[1] .

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

LARANJEIRA, Pires. “A poesia de Agostinho Neto como documento histórico.”. In: *Agostinho Neto – Sagrada Esperança / Renúncia Impossível / Amanhecer*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009, p. 27-37.

NETO, Agostinho. “Sábado nos musseques”; “Para além da poesia”; “Aspiração” (3 poemas). In: *Sagrada Esperança / Renúncia Impossível / Amanhecer*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.

SILVA, Antonio de Pádua de Souza e. Pequena abordagem da poética de Agostinho Neto. *Ponta de Lança, São Cristóvão*, v.6, n. 11 out. 2012- abr 2013.